UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA

ÁGATHA PEREIRA DE BRITO BASTOS

HEIDEGGER E O ESQUECIMENTO DO SER: A RETOMADA DA QUESTÃO DO SER PELO SEU SENTIDO

JOÃO PESSOA/PB
2022

ÁGATHA PEREIRA DE BRITO BASTOS

HEIDEGGER E O ESQUECIMENTO DO SER: A RETOMADA DA QUESTÃO DO SER PELO SEU SENTIDO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado do Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Orientador: Prof. Dr. Betto Leite da Silva

JOÃO PESSOA/PB
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

ÁGATHA PEREIRA DE BRITO BASTOS

HEIDEGGER E O ESQUECIMENTO DO SER:
A RETOMADA DA QUESTÃO DO SER PELO SEU SENTIDO

João Pessoa, 14 de dezembro de 2022

Nota: _____

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Filosofia da UFPB como um dos requisitos finais para a conclusão do Curso de Bacharelado em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Professor Dr. Betto Leite da Silva.

BANCA EXAMINADORA:

_____
Prof. Dr. Betto Leite da Silva (UFPB)
Orientador e Presidente

_____
Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira (UFPB)
Examinador

_____
Prof. Dr. Sérgio Luis Persh (UFPB)
Examinador

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, acima de tudo, ao tudo em si e o pleno em si, sou grata ao Rei dos reis que me concede vida e vida em abundância nEle. Grata por tanto me ser dado sem que sequer mereça. Grata pelo Seu amor que me enche de Si. A Ele seja toda a honra e glória e mérito. Nada de bom que vem de mim é por mim mesma e para mim mesma, é dEle, para Ele e por Ele. Obrigada, meu Mestre, Tu és o meu Amado.

E grata a Ele, sou grata por cada pessoa que apareceu em meu caminho durante este período como estudante da UFPB e me roubou um pouco de mim e me deixou tomar um pouco de si e me fizeram o que hoje sou: um inteiro cheio de pedaços... Pedaços de pessoas, pedaços de coisas, pedaços de lugares, pedaços de circunstâncias, pedaços de seres, pedaços do que são, pedaços do que não são, pedaços de pedaços... E ainda assim um inteiro, constantemente mutável e ao mesmo tempo com uma certa permanência.

Sou grata por cada gente que me fez sorrir e que me sorriu, que me abraçou e que se deixou abraçar, que me ouviu e me deixou ouvir, que me fez chorar e que chorou, que me ajudou e se deixou ajudar, que me atrapalhou e se deixou atrapalhar, que me acenou e atendeu ao meu aceno. Cada uma deixa seu rastro dentro de mim e interfere no que ando sendo e sou.

São tantas as pessoas a quem sou grata que não conseguirei jamais dizer todos nomes, não há espaço suficiente para isso. Mas, Deus os sabe e Ele mesmo os recompensará, não aos nomes, mas às pessoas que ultrapassam os seus próprios nomes e são.

São e se dividem para fazerem parte do que sou... Obrigada!

Ainda assim, quero deixar uns nomes, excepcionalmente, aqui gravados e que não seguem ordem de valor e importância, apenas os escrevo aqui: Décio Pereira (pai), Nilvia Bastos (mãe), Amadeo Bastos (irmão), Duânio Bastos (irmão) e toda minha família; Luan Araújo (noivo), Débora Ferreira, Zenaide Iber, Priscila Lígia e Davi Tito (amigos), além, do meu orientador prof. Dr. Betto Leite.

Obrigada! Muito obrigada a todos!

“Para além da guerra e da paz, existe apenas a errância do uso e abuso dos entes no autoasseguramento das ordens, oriunda do *vazio propiciado ao se deixar o ser*.”

Martin Heidegger, 2012, p.81

RESUMO

Corriqueiramente, o verbo "ser" e suas conjugações são utilizados no vocabulário das pessoas. E, aparentemente, nada se configura tão óbvio e próximo quanto "ser", a ponto de, o ser mesmo, constituir-se como esquecido e abandonado em todas as instâncias do conhecimento pragmático humano, incluindo a filosofia. Então, ser se torna o mais distante e desconhecido. "Ser" permanece impensado, vago, esquecido sem que ninguém de fato o entenda. Diante disso, Heidegger afirma que a questão do ser deve ser retomada através de sua interrogação fundamental e não aos moldes metafísicos tradicionais. "Ser é...", assim a filosofia buscou apreender o ser e ele continuou sendo o mais esquecido de todos os conceitos, pois, antes de determinar o ser substantivamente, nomeadamente, deve-se buscar compreender o sentido desse "é" que diz de ser. Assim, o próprio sentido de ser. Qual o sentido de ser? Eis a questão fundamental que deve ser levantada para investigar e alcançar o ser mesmo em sua verdade. A essa investigação é que o presente trabalho se debruça por meio de um estudo do pensamento de Martin Heidegger.

Palavras-Chave: Ser; Sentido; Compreensão; *Dasein*.

ABSTRACT

Routinely, the verb “to be” and its conjugations are used in people's vocabulary. And, apparently, nothing is configured itself as obvious as “to be”, in a way that, the being itself, is constituted as forgotten and abandoned in all the instances of human pragmatic knowledge, including philosophy. So, being becomes more distant and unknow. “Being” remains thoughtless, vague, forgotten and truly understood for no one. Faced with this, Heidegger affirms that the question of the being must be resumed through his fundamental interrogation, not by the traditional metaphysical standards. “Being is…”, in this way philosophy seeked to learn the being, which still is the most forgotten among all the concepts, because, before determining the being substantively, namely, it is necessary to comprehend the sense of “is”, that is spoken about the being. Therefore, the very meaning of being. What is the meaning of being? That is the fundamental question that must be raised to investigate and reach the being itself in its truth. The present work lies in this investigation by a study of the thought of Martin Heidegger.

Keywords: Being; Meaning; Comprehension; *Dasein*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....9
2 O ESQUECIMENTO DO SER E A QUESTÃO PELO SENTIDO.....12
3 *DASEIN* E A PRIMAZIA SOBRE A QUESTÃO DO SER.....17
4 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E A CIRCULARIDADE ONTOLÓGICA...24
5 FUNDAMENTO, TRANSCENDÊNCIA E MUNDO.....27
6 CONCLUSÃO.....31
REFERÊNCIAS.....34

1 INTRODUÇÃO

> "O pensamento ocidental-europeu é conduzido pela questão "Que é o ente?" É fazendo esta pergunta que ele questiona o ser." (HEIDEGGER, 1983, p. 237).

Ao longo da história da filosofia, tem-se buscado compreender o ser. O que é ser? Pergunta-se. Quando se reflete um pouco, isso, levianamente ou não, conduz ao pensamento de que ser tem algo de fundamento e essência de nós mesmos e de tudo a nossa volta e, por isso, entender o ser é um desejo não só dos filósofos, mas, de um modo geral, de toda a humanidade. Todavia, para Martin Heidegger, há um problema no modo em que a questão do ser foi posta e investigada pela tradição.

Desde a definição de metafísica retirada da ordenação que Andrônico de Rodes fez dos escritos de Aristóteles, – na qual o que Aristóteles escreveu e que não se encaixava na ética, na lógica, na retórica ou na física ficou na posição "depois da física" (μετα [*metà*] = depois de; e Φυσις [*physis*] = natureza ou física) – tem-se que, por sua natureza, a metafísica exige uma doutrina do Ser (ontologia), a qual ultrapassa os dados da física. E mesmo antes desse termo ser cunhado e usado, a questão do ser tem sido colocada como questão filosófica fundamental, perpassando, deste modo, o pensamento e os escritos de muitos filósofos ao longo do tempo.

O que é ser? Pergunta-se. Toda a tradição filosófica ocidental debruçou-se sobre esta interrogação. Respondeu-a? Para Heidegger, na verdade, já a questão foi colocada de modo equivocado e mesmo ela tem sido respondida com vistas ao ente e não ao ser. A tradição busca a resposta de: "Que é o homem?" quando se pergunta pelo ser, ou seja, a questão do ser vira a questão do ente (do ente que o homem é): "O pensamento ocidental-europeu é conduzido pela questão "Que é o ente?" É fazendo esta pergunta que ele questiona o ser."[1] (HEIDEGGER, 1983, p. 237).

Por sua vez, essa "confusão" é mais que um jogo de palavras entre escolher usar "ser" ou "ente", antes ela acontece justamente porque a diferença entre ser e ente (diferença ontológica) foi esquecida, juntamente com o ser. Assim, a pergunta pelo ser mesmo não foi respondida e sequer elaborada, ao contrário, a compreensão sobre o ente humano, quando se buscou entender o ser, avançou e chega a um tal domínio que a metafísica caminha para o

[1] Essa questão, por sua vez, se enuncia de duas formas: "Que é o ente em geral enquanto ente?" e "Qual é o ente no sentido do ente supremo e como é ele?" Elas perfazem uma ontoteologia (ontologia e teologia).

seu acabamento na ciência e na técnica. Outrossim, a história da filosofia se trata da história do esquecimento do ser.

Diferença ontológica esquecida. Ser esquecido. “O que “é” ser? Devemos perguntar ao “ser” *o que ele é*? Ser fica fora de questão, autoevidente e, portanto, impensado. Mantém-se numa verdade, de há muito esquecida e infundamentada.” (HEIDEGGER, 2012, p. 73). Pergunta pelo ser, resposta pelo ente. Quando, por outro lado, responder pela analítica do ente que nós somos (*Dasein*) é apenas a primeira exigência da genuína pergunta do ser. O ente humano é caminho, é travessia. Então, se a questão do ser mesmo nunca foi de fato tratada e mesmo posta corretamente, antes, esquecida, como ela deve se dar? Pelo sentido de ser. É a isso que Heidegger dedica seus estudos e escritos filosóficos, nomeando Ontologia Fundamental a compreensão de ser pelo seu sentido: Qual o sentido de ser? Eis a questão fundamental.

Desta maneira, o presente trabalho, sob o título: **Heidegger e o Esquecimento do Ser: A Retomada da Questão do Ser pelo Seu Sentido**, tem como objetivo geral desenvolver uma investigação do pensamento do filósofo Martin Heidegger (1889-1976) em torno do sentido de ser para tirar do mar do esquecimento, que toda a tradição filosófica renegou, o próprio ser, através de seu sentido. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando como principal referência a obra Ser e Tempo de Martin Heidegger, além de algumas conferências suas e artigos de estudiosos dele. Os objetivos específicos se concretizam na medida em que os capítulos são desenvolvidos, quais sejam:

Primeiro, no capítulo (2) **“O esquecimento do ser e a questão pelo sentido”** será desenvolvida uma abordagem sobre como Heidegger expõe o seu pensamento de que o ser foi esquecido e nunca foi de fato investigado por toda a tradição filosófica/metafísica. A questão jamais foi colocada de modo que o ser mesmo pudesse se revelar, muito antes preconceitos sobre o ser cercearam o pensamento investigativo e obstruíram, por muito tempo, o caminho para a constituição de uma Ontologia Fundamental. “Qual o sentido de ser?” é a pergunta que primeiro deve circunscrever essa “nova” Ontologia e não “O que é o ser?”.

Não obstante, com esta interrogação (o que é o ser?), o que sempre se teve em vista na filosofia foi o ente e não o ser, daí a necessidade, também, de tratar sobre a diferença ontológica entre ser e ente, bem como sobre o ente que se distingue dos demais entes simplesmente dados por ser capaz de compreender o seu ser e o ser dos entes e por ter uma relação de sentido com o ser: ser-aí (*dasein*). Ser-aí é, então, quem tem a primazia sobre a questão do ser e um de seus modos de ser constitutivos, além da compreensão, é a existência,

logo, para se investigar o ser é necessária uma analítica existencial de ser-aí (*dasein*) em sua cotidianidade. Sobre isso, portanto, aborda o capítulo seguinte (3): "***Dasein* e a primazia sobre a questão do ser"**.

É indispensável a analítica de ser-aí (existência) para que, efetivamente, se alcance uma compreensão de ser. Porém, essa análise não pode e não deve ser feita de qualquer modo – a fenomenologia, no modo que a compreende Heidegger, é o método que deve guiar a/na abertura do caminho para o ser a partir da analítica existencial. Assim, para compreender o ser é necessário acessar primeiro o ser-aí (*dasein*), o qual, por sua vez, para ser acessado já pressupõe uma revelabilidade de ser, caracterizando-se aqui, então o círculo ontológico, elemento estrutural do método e de todo o compreender ser e ente em si: **"O método fenomenológico e a circularidade ontológica"** é o capítulo (4) que fala sobre essa

Por fim, o último capítulo (5) antes da conclusão desenvolve um exame sobre **"Fundamento, transcendência e mundo"** na medida que tais conceitos se relacionam com ser-aí e ser e em como interferem positivamente na compreensão da questão fundamental sobre o sentido de ser, finalizando com uma breve noção de liberdade concebida por Heidegger.

2 O ESQUECIMENTO DO SER E A QUESTÃO PELO SENTIDO

> "[...] o que, num sentido extraordinário, se mantém *velado* ou volta novamente a *encobrir-se* ou ainda só se mostra "*distorcido"* não é este ou aquele ente, mas o *ser* dos entes. O ser pode-se encobrir tão profundamente que chega a ser esquecido, e a questão do ser e de seu sentido se ausentam." (HEIDEGGER, 2015, p. 75).

Há um pensamento geral, sutil e não expresso explicitamente, de que a filosofia se debruça em questões abstratas e vagas demais para serem "aplicadas" na cotidianidade da vida ou na tecnicidade científica. Ao que parece, por exemplo, tempo e dinheiro – "elementos" tão almejados pela sociedade não só hodierna, mas de todas as épocas – precisam, sobretudo, ser buscados e usufruídos e não pensados com "quês" e "porquês". O que é tempo? O que é dinheiro? Ninguém tem tempo para pensar nisso e muito menos dinheiro para financiar o "ócio" dos pensadores. No entanto, nunca deixou de haver quem refletisse em tais questionamentos e, desde que a Filosofia teve seu nascimento na Grécia antiga, essa tarefa ficou metodologicamente a seu cargo. Tempo, dinheiro, homem, Deus, mundo, "negócio", dentre outras numerosas temáticas, são abordadas pela Filosofia e o questionar delas está muito mais presente no dia a dia da vida do que ordinariamente se imagina: "a própria reflexão filosófica apenas é genuína se identifica a dimensão fática como seu ponto de partida" (ABDALA, 2017, p. 11).

Do mesmo modo, a noção do Ser está presente na vida cotidiana, ainda que encoberta à primeira vista, assim como está na Filosofia, dando fôlego aos estudos desta desde Platão e Aristóteles. Todos, corriqueiramente, empregam o termo "ser" e suas conjugações e compreendem o que, a cada vez, ele quer designar. Comumente, trivialmente. Então, por que e pra que "perder" tempo (e dinheiro) questionando-o? Os homens científicos e os de negócio, em suas vidas técnicas e corridas, não o questionam e até mesmo a Filosofia se omitiu de tematizar o Ser, chegando ao ponto de acusar de cometer um erro metodológico quem ainda levanta a questão (HEIDEGGER, 2015, p. 37). Assim, o que a Filosofia, desde então, buscou determinar foi o ser como fundamento dos entes, porque, para a tradição, a questão e o sentido do ser mesmo é universal, indefinível e evidente.

É desta maneira, portanto, que a noção de Ser está presente no cotidiano e na Filosofia: como simplesmente dado, como uma questão do Ente, da entidade dos entes (fundamento) e não muito mais que se possa indagar. Vago, vazio. Porém, como uma ou mesmo a questão fundamental, é necessário retomar a questão, através do sentido de ser, e dar-lhe a devida transparência, na medida em que o Ser mesmo se mostra, pois, ao contrário

de se eximir dela, o Ser ser "universal, indefinível e evidente", conforme afirma a tradição, exige, muito antes e por isso mesmo, que a questão seja devidamente colocada.

A este propósito é que Heidegger dedica sua obra Ser e Tempo, publicada em 1927. Neste clássico da filosofia contemporânea, Heidegger propõe a retomada da questão do ser por meio de seu sentido, considerando-a a questão filosófica fundamental que foi esquecida por toda a fatal tradição Metafísica[2]: "a metafísica é uma fatalidade porque, como traço fundamental da história do Ocidente europeu, a humanidade vê-se fadada a assegurar-se no ente." (HEIDEGGER, 2012, p. 67). Logo, a investigação heideggeriana do ser ultrapassa os modos convencionais com os quais a metafísica abordou o problema. Seu projeto ontológico apresenta como meta final a elaboração da questão do ser em geral em termos de sua relação com o tempo, atravessando, primeiro, o problema com uma abordagem do ente que nós mesmos somos (*dasein)* e nomeando a diferença ontológica (ser e ente).

> Assim, trata-se de redespertar uma compreensão para o sentido dessa questão [a do sentido de ser]. A elaboração concreta da questão sobre o sentido de "*ser*" é a intenção do presente tratado. A interpretação do *tempo* como horizonte possível de qualquer compreensão do ser em geral é sua meta provisória. (HEIDEGGER, 2015, p. 34).

Deste modo, Heidegger, em seu primeiro parágrafo de Ser e Tempo, visando justificar a necessidade de recolocar e reformular o problema do ser, bem como buscando deixar livre o acesso ao que ele compreende como a maneira adequada de pôr a questão, escreve que a tradição filosófica se baseou em três pressupostos/preconceitos tradicionais para deliberadamente omitir a questão do ser, quais sejam: 1) Ser é o conceito "mais universal e vazio"; 2) Ser é um conceito "indefinível" e 3) O conceito de Ser é "evidente por si mesmo" (HEIDEGGER, 2015, p. 37-40). Como logo se pode perceber, os preconceitos giram em torno do conceito. Conceito. Pré-conceito. Conceito de Ser. Pré-conceito de Ser. E, por conseguinte, fica evidente a necessidade metafísica de delimitar as suas questões pensando, antes de tudo, em conceitos e, muito mais, em conceitos anteriores e universais que abranjam tudo e todos daquele gênero conceituado. Acima e antes, porém, de todo e qualquer gênero e espécie, está o Ser, o conceito maximamente universal, geral, claro e incluso em tudo o que se apreende dos entes em geral; gênero supremo ao qual todo ente

---

[2] Entenda-se aqui Metafísica como sendo sinônimo de Filosofia, tal como o exprime Heidegger, em certa concordância com a definição cartesiana e kantiana de Filosofia: "Filosofia é Metafísica. Esta pensa o ente em sua totalidade – o mundo, o homem, Deus – sob o ponto de vista do ser, [...] da recíproca imbricação do ente e ser. A Metafísica pensa o ente enquanto ente ao modo da representação fundadora." (HEIDEGGER, 1983, p. 71).

está subordinado e, por isso, torna-se dispensável ulteriores investigações a seu respeito. Assim se define o primeiro preconceito: Ser como o mais geral dos entes dados. Contudo, de acordo com Heidegger, a universalidade de Ser não é a de ser a região suprema do ente, pois isso se conceitua segundo gênero e espécie, mas a universalidade de Ser precisa ser pensada como acima de toda universalidade de gênero e espécie, ou seja, Ser coloca-se antes mesmo da universalidade entificada que a metafísica tradicional se insere e aborda suas temáticas e não pode ser concebido nos mesmos moldes que os entes.

Embora a história filosófica tenha alguns indícios implícitos dessa universalidade de Ser acima de todo e qualquer gênero e espécie[3], o que fica manifesto é que isso, de modo algum, torna claro o seu conceito e dispensável a sua investigação, ao contrário, Ser permanece o mais obscuro e demanda um adequado exame.

Por sua vez, a máxima universalidade que a metafísica diz do conceito de Ser, leva-a a concluir que tal conceito não pode ser dado e, por isso, Ser é indefinível. O segundo pressuposto, portanto, leva a crer que nada há que possa ser dito, sequer minimante, para definir algo de Ser. Tal indefinibilidade, no entanto, expressa apenas que Ser não pode ser concebido como os entes, passíveis de sempre ser definidos segundo *genus proximun et differentiam specificam* (gênero próximo e diferença específica). Os modos de se apreender e compreender Ser não são e não podem ser os mesmos que os dos entes e tentar fazê-lo resulta em sua impossibilidade de conceituação. Ser escapa, oculta-se. Assim, trata-se de mudar o modo de se investigar o Ser, de colocar adequadamente a questão e de deixar que o próprio Ser se dê, sem que se lhe atribua um ente, ou tal como o ente "mais ente", pois "ser não é um ente" (HEIDEGGER, 2015, p. 39) e nem "o ente".

De fato, Ser até pode ser indefinível nos moldes metafísicos, físicos e científicos, mas não o é ao pensamento. Resta ainda ao pensamento a tarefa de pensar o Ser mesmo em seus próprios moldes e, por isso, a retomada da questão pelo Ser torna-se ainda mais necessária e justificada. Diz-se ainda, todavia, que o conceito de Ser é autoevidente: movemo-nos dia a dia numa compreensão da expressão "ser", razão pela qual não se requer que Ser seja investigado. Usamo-lo e o conjugamos, entendendo-o "sem mais". Todos, no geral, entendem: "a pedra é dura" ou "eu sou uma pessoa". É, sou, Ser. Entrementes, isso, na verdade, revela, a incompreensão do ser mesmo e de seu sentido: "esta compreensão cotidiana revela um enigma a ser investigado: se desde sempre possuímos certa compreensão

[3] O ser enquanto unidade da analogia em Aristóteles; como *transcendens* para os medievais; como "imediato indeterminado" para Hegel.

de ser, o que, então, está na base desta possibilidade?" (OLIVEIRA DA SILVA, 2013, p. 20).

À vista dos três preconceitos, pode-se perceber, que embora Ser seja universal, indefinível nos moldes tradicionais e que vivamos diariamente numa determinada compreensibilidade dele, o seu sentido é ignorado, não tematizado e precisa ser investigado, pois é através de seu sentido que o ser se mostra e se dá a conhecer. Todos, desde Platão até Nietzsche, esqueceram o ser. Coisificaram-no. Objetificaram-no. Entificaram-no. Ser não é a Ideia do Bem, não é Deus, não é a Razão, não é a Vontade de Poder. Ser não é coisa, não é objeto, não é ente. O que é ser? Pergunta-se. Ao questionar "o que é?", ser já passa a ser pensado como *algo* e, consequentemente, é esquecido por ele mesmo, daí então, como fez a tradição, a investigação sobre ser debruça-se em busca desse algo que é ser, que pensam ser o Ser, e perde-se de vista o Ser mesmo.

Assim, ser permanece velado, esquecido, pois, como buscou a Metafísica, ele não é captável em conceitos ônticos, os quais referem-se ao *ente* em seu ser: o ser é "somente captável em conceitos puramente ontológicos" (HEIDEGGER, 1983, p. 102). Ou seja, ser não pode ser determinado com os mesmos modos e princípios que os dos entes, ao contrário, ser é apreensível em conceitos os quais referem-se ao *ser* dos entes, uma vez que ser é sempre *ser* dos entes. Ser não é ente, mas também não está solto aí, por aí, separado dos entes: *ser* é sempre ser dos entes; ele é quem determina o ente como ente (HEIDEGGER, 2015, p. 41-42). Ser dos entes, por sua vez, é uma das primeiras afirmativas que Heidegger depreende de ser e é ele que, no mais das vezes, permanece velado e oculto: "[...] o que, num sentido extraordinário, se mantém *velado* ou volta novamente a *encobrir-se* ou ainda só se mostra "*distorcido*" não é este ou aquele ente, mas o *ser* dos entes. (*Ibid.*, p. 75).

Desta maneira, a Ontologia Fundamental de Heidegger, proposta em Ser e Tempo, diferencia-se da Ontologia tradicional e retoma a questão do Ser, perguntando pelo seu sentido: ser é a questão, o seu sentido é o interrogado na questão fundamental – qual o sentido de ser? Com isso, deve-se entender que

> na pergunta pelo ser, a meta da investigação é alcançar o sentido de ser, quer dizer: ao tematizar o ser a investigação filosófica tem em vista alcançar o sentido de ser. Heidegger define "sentido" como o "horizonte" ou "aquilo em que se move a compreensibilidade de algo [...] [aquilo] desde o qual algo se faz compreensível enquanto algo." (ST, p. 170/151). Ora, ao tentar responder à questão pelo ser, o que se tem em vista é tornar o próprio ser inteligível, o que equivale a torná-lo compreensível em termos de algo, o qual, por definição, é o sentido de ser. (BLATTNER, 2002 apud OLIVEIRA DA SILVA, 2013, p. 22-23).

A questão de ser pelo sentido, portanto, faz-se necessária para tematizar o Ser e colocá-lo em seu devido horizonte de apreensibilidade, sem responder pelo e com um ente e sem que já se mova numa compreensão prévia dele ao responder simplesmente "Ser *é*...", pois embora se entenda razoavelmente esse *é*, conceitualmente ele se nos escapa. É preciso ultrapassar essa noção vaga e mediana do ser e torná-lo menos obscuro, menos vago, mais inteligível, por meio de determinações que o próprio ser pode revelar por meio de seu sentido. Heidegger, dessa forma, impõe-se à tarefa de uma "Destruição da história da ontologia", na medida em que desconstrói o modo entificado de abordar o ser e supera a aparência. Enquanto a tradição buscou compreender ser atribuindo-lhe conceitos ônticos, referentes ao ente sempre revelado, Heidegger, por sua vez, buscou compreender o ser por conceitos ontológicos, referentes ao próprio ser profundamente encoberto, traçando-lhe o sentido para que assim se possa ter um desvelamento (verdade[4]) dele. E enquanto a tradição entifica o ser, Heidegger o investiga em seu sentido e modos de compreensão próprios, a começar pela diferença ontológica e pela analítica do *dasein* (ser-aí).

Tal modo de investigar o Ser modificou a história da filosofia desde então e não só isso, mas também trouxe a autêntica atribuição do pensamento, pois o "pensamento é pensamento do ser" (HEIDEGGER, 1995, p. 28). Além de arrancar o homem do vazio e *objetificação* em que ele se coloca e permanece quando abandona o ser: o homem é o *sujeito* de todo e qualquer uso e abuso dos entes (técnica), mas torna-se *objeto* ao deixar o ser (esquecimento) (HEIDEGGER, 2012, p. 80).

[4] "A verdade é o desvelamento daquilo que a partir de si mesmo se mostra velado." (STEIN in HEIDEGGER, 1983, p. 87).

3 *DASEIN* E A PRIMAZIA SOBRE A QUESTÃO DO SER

> "*A compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser da presença [dasein]*[5]. O privilégio ôntico que distingue a presença [*dasein*] está em ela ser ontológica." (HEIDEGGER, 2015, p. 48).

A diferença ontológica constitui a base da proposta heideggeriana em Ser e Tempo e sem ela não se pode compreender o que seja o ser e seu sentido em geral, visto que "o próprio ser apenas pode vir à luz em sua verdade, na diferença resguardada entre ser e ente, e isso quando a diferença ela mesma se dá e acontece com propriedade." (HEIDEGGER, 2012, p. 67). Conceber que *ser não é ente* e algum *ente não é ser*, mas que ser é sempre ser *dos* entes, deve destacar a diferença não como uma distinção racional pressuposta (seja lógica, categorial ou transcendental) entre um e outro separadamente, mas sim como uma interrelação do ser e dos entes conforme uma diferença que "se dá e acontece com propriedade" ela mesma. A diferença é o acontecimento que viabiliza a abertura compreensiva do ente enquanto ente tanto quanto do ser enquanto tal, bem como estabelece os limites de compreensão de um em relação ao outro.

A diferença é real, atual e necessária, não dada por ente algum e nem criada pela intelecção do ente humano. Ela evidencia a interdependência entre ser e ente na medida em que revelam uma complementariedade de sentido. Assim, a diferença ontológica explicita o ser como ser do ente, sustendo-se e sustendo os entes enquanto tais, e o ente como entidade desenlaçada do peso de ser o que não é quando se lhe atribui o "conceito" de ser, fundamento e verdade. Inclusive, o próprio esquecimento em que a filosofia deixou empoeirar o ser tornou explícita e necessária não só a devida colocação da questão, mas também evidente que a diferença se dá compreensivamente quando ser é reconhecido em sua distinção e interdependência com o ente; quando ser é "relembrado" dentro de seu próprio âmbito de doação e acontecimento e quando ao ente é atribuído o seu próprio caráter entitativo.

Deste modo, a diferença ontológica revela-se na base da e para a compreensão e revelabilidade de ser ao ente e através dele. A questão de ser, então, é devidamente retomada e um caminho para o ser, pelo seu sentido, é aberto. A análise inicial da estrutura da própria

---

[5] *Dasein* é traduzido por *presença* pela tradutora Márcia Sá Cavalcante. A sua justificativa para isso encontra-se logo no começo da obra Ser e Tempo (2015, p. 15-32). No entanto, ao longo deste trabalho optou-se por utilizar a tradução *Ser-aí*, embora sempre acompanhada do próprio termo *Dasein*, para buscar manter um mínimo de uniformidade diante da diversidade de traduções presente nas obras referidas neste trabalho. *Dasein* é usado para se referir ao ente humano e é uma palavra composta por *Da* (aí, lá, ali) e *Sein* (ser): o ser que se dá aí (no mundo) e o ser que é o aí (lugar) dos demais entes.

questão reformulada de ser designa ser como o que "está naquilo que é como é, na realidade, no ser simplesmente dado, no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no dá-se" e ente como "tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos" (HEIDEGGER, 2015, p. 42). Isto é, *ser* está jogado no mundo, no cotidiano, no que está aí, sendo e estando em meio aos entes, embora seja mais amplo que todos eles. E *ente*, por sua vez, é o que é real e pode ser predicado, sendo o ente humano o único que possui uma compreensão do ser dos entes e de si mesmo; o único que tem a possibilidade de questionar e que é capaz de fundar a interrogação sobre o sentido de ser; o único que é a instância desde onde a diferença ontológica acontece e pode ser expressa, porquanto ele é a própria diferença (GEVEHR, 2015, p. 182). A este ente humano que nós mesmos sempre somos Heidegger designa o termo *Dasein* (ser-aí/presença).

Entenda-se, nós humanos somos ser-aí (*dasein*): relacionamo-nos com o ser, com os demais entes, com o tempo e isso quer dizer que é no ser-aí que construímos o nosso modo de ser, a nossa existência, os nossos relacionamentos, a nossa vida, a nossa história. Ser-aí (*dasein*) não é sinônimo de homem, ser humano ou existência, ainda que tenha relação com esses conceitos, muito antes, ser-aí diz respeito à constituição essencial de homem, ser humano e humanidade[6]. Ser-aí (*dasein*) fala, misturada e separadamente, de ser, de ente, de existência, de mundo, de cotidianidade, de tempo, de morte, de sentido, de transcendência, de diferença ontológica[7]. Ademais, a condição de ser-aí (*dasein*) não se define

> em seu aspecto de ente e sim em sua natureza de implicação com o ser. Em outros termos, o que define tudo e qualquer coisa é o seu ser que "*está em jogo*", *enquanto* sua existência, *enquanto* seu estar sendo. [...]. Trata-se de *presença a priori*, no sentido de que promove "*referência*"; no sentido de algo que *deixa* tudo e cada ente ganhar delimitação; deixa ver, faz ver como ente cada ente. (NASCIMENTO, 2010, p. 116).

Compreende-se, com isso, que, ser-aí, sendo, o seu próprio ser *está em jogo*; sendo, ele é forma de ser e de dizer ser; sendo, ele deixa todo ente se expor como tal; sendo, ele pode compreender a si e ao ser. No ser-aí (*dasein*) repousa o ser do homem e no ser repousa o advento do ente, fundando, assim, o próprio ser-aí. Ambos se ocultam, revelam e desvelam mutuamente.

---

[6] Aqui, faz-se referência indireta à nota explicativa da tradutora Márcia Sá do termo *Dasein* que se encontra em Ser e Tempo (2015, p. 561).

[7] Neste trabalho não temos espaço para abordar essas e outras faces de ser-aí (*dasein*), pois elas abrangem toda a obra heideggeriana. Algumas já temos tratado tanto quanto é possível neste pequeno espaço para tantos temas tão relevantes, mais a frente, no entanto, versaremos ainda sobre a existência, a cotidianidade e a transcendência.

Por conseguinte, na medida em que a diferença ontológica se manifesta na base para o desvelamento de ser, ser-aí (*dasein*) é o ente em que se dá a diferença ontológica, pois é nele que acontece, com sentido e compreensivelmente, a recíproca dependência entre ser e ente. É nele que se deve ler o sentido de ser e de onde deve partir a abertura para o ser, uma vez que ele é o âmbito em que todas as coisas aparecem com sentido e âmbito em que ocorre todo o questionamento e compreensão de ser dos entes. Desta forma, compreender e questionar são alguns de seus modos de ser: dia a dia ele questiona e busca compreender as pessoas e as coisas que o cercam – quem sou, quem és, quem somos, o que é isso, o que é aquilo. Ninguém precisa ensinar que ele deve questionar, ele questiona; ninguém precisa ensinar que ele consegue compreender, ele compreende. O que ele *é* é caracterizado pela dúvida existencial de si e dos outros, pela compreensão do ser das coisas, pela busca de sentido, pela indagação do que é ou não é, pela vivência, movimento e doação. Ser ou não ser está cotidianamente preenchendo os afazeres, dizeres, pensamentos, momentos e dias dos entes que nós somos (*dasein*): isso lhe é constitutivo, embora o "corre corre" dessa vida moderna, tecnológica e de negócios – onde ciência é verdade, tecnologia é comodidade e tempo é dinheiro – pode arrancar de si um pouco desse privilégio que é ser afetado pelo ser e, consequentemente, do privilégio de "sentir" ser e poder pensar nele, pois as obrigações, as novidades e o cansaço lhe ocupam a mente, restando sempre menos tempo para parar e pensar ser e no ser. Entretanto, nada disso pode extinguir a relação que ser-aí e ser têm, pois ser-aí (*dasein*) só é porque o ser lhe confere ser e ser só pode ser apreendido porque ser-aí é capaz de fazê-lo, por meio de seu sentido, sendo. Assim, ambos são concebidos porque *são* e possuem uma relação de sentido mútuo[8].

Ser-aí (*dasein*) é, à vista disso, caracterizado no que é afetado pelo ser, e, sendo, compreende algo assim como ser. Ele não é apenas um ente a mais lançado entre outros entes: ele está em meio aos entes, porém não se perde neles, estando, muito antes, lançado na compreensão de ser e livre para ser. Heidegger (1983, p. 125) diz: "O ser-aí - ainda que situado em meio ao ente e por ele perpassado pela disposição - *está jogado como livre* poder-ser entre os entes". Essa liberdade vem do fato de que ele é o único ente que se pergunta pelo ser e com ele se relaciona; o único que pensa e compreende ser: ser-aí (*dasein*) é a expressão

[8] Trata-se do que Heidegger (1983, p. 102) chama de círculo ontológico: "Desvelamento do ser é sempre verdade do ser do ente. E vice-versa, no desvelamento do ente já reside sempre um desvelamento de seu ser. Verdade ôntica e ontológica sempre se referem, de maneira diferente, ao ente em seu ser e ao ser do ente.". Ver o capítulo 4: "O método fenomenológico e a circularidade ontológica" deste presente trabalho.

pura e mais pura de ser (HEIDEGGER, 2015, p. 48/55) e é por isso que ele possui o privilégio ôntico-ontológico sobre a questão do sentido de ser.

De maneira sucinta, "ôntico" diz respeito aos entes e a como eles se relacionam de modo real e concreto e "ontológico" refere-se ao ser dos entes e ao ser mesmo, enquanto essência, tempo e existência (ou seja, não se reduz a determinações metafísicas tradicionais). Deste modo, ser-aí (*dasein*) possuir o privilégio sobre a questão do sentido do ser deriva de seu primado ôntico-ontológico, pois, onticamente, ele se distingue dos demais entes na medida em que é o único que pensa e questiona o seu próprio ser e o ser dos demais entes. Ele investiga, analisa, experimenta, calcula, sintetiza, com base no que vê e vive de tudo o que há e é e até do que não tem certeza se há ou é, a partir de seu modo de ser no mundo, no cotidiano. Já ontologicamente, ele se diferencia por se relacionar e se comportar com o ser. Ele pensa, interroga, diz, funda, cria com base em seu pensar e compreender ser, ultrapassando a si e aos entes sem sair de si e do mundo. Logo, o sentido ôntico-ontológico que caracteriza ser-aí (*dasein*) refere-se ao seu relacionamento consigo, com os outros entes que não têm seu modo de ser e com o próprio ser, num horizonte de sentido e compreensão.

Heidegger, em Ser e Tempo (2015, p. 48), enuncia que "a *compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser da presença [dasein]*. O privilégio ôntico que distingue a presença [*dasein*] está em ela ser ontológica.". A saber, compreender ser é, em si mesmo, determinante para que ser-aí (*dasein*) seja o que é e como é e isso o difere onticamente porque ele é ontológico. Dito em outras palavras, isso o distingue dos entes simplesmente dados (ôntico) porque ele questiona e se relaciona com o ser (ontológico). Ou ainda, ser-aí (*dasein*) é diferente porque ele não é mais um dentre os entes dados aí: ele compreende, ele existe, ele é o "aí", o horizonte de sentido, dos outros entes[9]. Diante disso, "esse primado múltiplo justifica o ser-aí [*dasein*] como ente a partir do qual se deve examinar o ser" (ABDALA, 2017, p. 12), isto é, é pela análise de ser-aí (*dasein*) apenas que se deve *iniciar* a investigação sobre o ser, pois a analítica do ser-aí conduz à questão do ser. Perceba-se, o acesso ao ser não se dá diretamente por ele mesmo, isso se mostra impossível já que é só pelo ser-aí (*dasein*), devido à circular relação de sentido de ambos, que se pode aceder ao ser. Dessa maneira, o acesso ao ser decorre dessa analítica do ser-aí (*dasein*); através de uma analítica do ente que compreende ser, e, portanto, ser-aí é a condição de possibilidade de

[9] "[...] a presença [*dasein*] nunca poderá ser apreendida ontologicamente como caso ou exemplar de um gênero de entes simplesmente dados. Pois, para os entes simplesmente dados, o seu "ser" é indiferente ou, mais precisamente, eles são de tal maneira que o seu ser não se lhes pode tornar nem indiferente nem não indiferente" (HEIDEGGER, 2015, p. 86).

qualquer ontologia. Heidegger (2015, p. 54) afirma: “Uma analítica da presença [*dasein*] constitui, portanto, o primeiro desafio no questionamento da questão do ser.” Conclui-se, então, que a compreensão do sentido de ser começa com um exame das estruturas ôntico-ontológicas do distinto ente que somos: do ser-aí (*dasein*).

De mais a mais, a analítica de ser-aí (*dasein*) não quer dizer compreender seu próprio ser em todos os seus aspectos ôntico-ontológicos, antes é uma analítica que visa “liberar o horizonte para a mais originária das interpretações de ser.” (*Ibid.*, p. 54). Trata-se de uma análise que tenciona clarear e abrir o caminho para alcançar, ao fim, uma interpretação originária de ser e, por isso, ela se refere a uma análise preparatória, incompleta e provisória com vistas à questão do ser mesmo. Incompleta porque explicita o ser deste ente sem que seu sentido seja interpretado[10]. A analítica é passagem, é travessia, é o caminho por onde se deve seguir para compreender ser: ela busca explicitar o ser deste ente que é o homem para que se alcance o próprio ser e seja possível, por conseguinte, “ouvir” o que ele mesmo revela de si. Essa analítica, no que lhe compete, se dá a partir da análise da cotidianidade de ser-aí (*dasein*). Logo, ela é feita examinando-se ser-aí em seu dia a dia, donde se deve tirar sua constituição fundamental, quer dizer, não estruturas ocasionais e acidentais, mas essenciais[11]: as modalidades de acesso e interpretação do ser-aí devem mostrá-lo tal como ele é “antes de tudo e na maioria das vezes, em sua cotidianidade mediana[12].” (*Ibid.*, 2015, p. 54).

Assim sendo, compreender o sentido do ser se dá pela abertura de um caminho feita pela analítica do ser-aí (*dasein*) na sua cotidianidade para se chegar ao destino que é o ser, até então, abstruso. Da vida cotidiana, desde onde ser-aí se mostra em si mesmo e por si mesmo, manifesta-se que ser-aí (*dasein*) sempre se compreende a partir de sua existência. Logo, a existência é um modo de ser determinante de ser-aí: uma vez que “compreensão” é um modo seu de ser que apenas lhe diz respeito e a mais nenhum outro ente e visto que ele se compreende desde seu existir, revela-se que a existência, então, lhe caracteriza

---

[10] Só depois de alcançar uma compreensão de ser é que se deve retomar ao ser-aí (*dasein*) para entender o seu sentido: a temporalidade. A temporalidade é o sentido de ser-aí, enquanto ele se define como o único ente capaz de compreender ser, na medida em que ele só pode apreender o ser em termos de *tempo*. Ou seja, a partir do tempo, o ser-aí, implicitamente, compreende e interpreta o ser (HEIDEGGER, 2015, p. 55). Ao fim da obra Ser e Tempo, a qual não foi concluída, seria explicitado o sentido de ser em geral no horizonte do tempo.

[11] “Essenciais são as estruturas que se mantêm ontologicamente determinantes em todo modo de ser da presença (*dasein*) fática.” (*Ibid.*, p. 54). Com isso, Heidegger quer dizer que as estruturas essenciais se referem àquelas que são determinantes para que ser-aí (*dasein*) seja o que é.

[12] Por cotidianidade mediana, entende-se a indiferença cotidiana de ser-aí ao ser. Ele está lançado numa compreensão de ser e ele é enquanto esse estar lançado, entretanto, em seu dia a dia, muitas vezes ele se coloca como mais um dentre os entes, numa tal relação com o que lhe cerca que sua determinação ontológica fica encoberta, vaga, esquecida. *Trata-se de uma tendência fática ao encobrimento de seu ser para si.*

fundamentalmente o modo de ser. A partir da existência, ser-aí (*dasein*) se relaciona cotidianamente com o ser, consigo e com os entes simplesmente dados. Nessa concepção, apenas ser-aí existe, pois somente nele está em jogo o seu próprio ser e só ele vai além do ente e se encontra diante da clareira do ser:

> O ente que é ao modo da existência é o homem. Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe. A frase: "Somente o homem existe" de nenhum modo significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irreais e apenas uma aparência ou a representação do homem. A frase: "O homem existe" significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela in-sistência ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser (HEIDEGGER, 1983, p. 59).

Ser-aí (*dasein*) é, existe e é real. O rochedo, a árvore, o anjo e Deus são, não existem e são reais. À vista disso, a existência[13] refere-se única e exclusivamente ao ser-aí e constitui a sua essência – "*a "essência" da presença [dasein] está em sua existência*" (HEIDEGGER, 2015, p. 85). Não se trata de uma expressão para definir *ser simplesmente dado*, como designou a ontologia tradicional, nem uma característica ou propriedade que se extrai de ser-aí (*dasein*)[14], mas sim o seu modo de ser, a sua essência, o que lhe determina ser o que é. Ser-aí [*dasein*] é enquanto existente. E enquanto existente sua essência se diz. Aqui, deve-se ressaltar que não há uma oposição entre essência e existência, na qual uma ou outra precede a uma ou outra[15], tal como se verifica ao longo da tradição metafísica, senão que essência e existência de ser-aí (*dasein*) se dizem mutuamente: a essência de ser-aí está em ter de ser permanentemente (insistência) como existência. Enfim, a existência é o ser de ser-aí, é a essência, é o que distingue ser-aí dos entes simplesmente dados e é o que assinala sua abertura para o ser. Com isso, a analítica de ser-aí (*dasein*) torna-se a analítica existencial: a análise de ser-aí é feita a partir das suas estruturas existenciais dadas na cotidianidade.

Ademais, ante ao exposto até aqui, pode-se sumariamente usar a imagem de uma "variante": expressão popular que corresponde a um caminho aberto a golpes de foice ou facão em meio a uma mata fechada para se chegar a um destino, até então, inacessível. Dessarte, compreender o sentido de ser se dá pela analítica do ser-aí (*dasein*) realizada por meio de um exame dele na sua cotidianidade existencial para chegar ao destino-ser, ainda

---

[13] *Existenz*: *-ex* (para fora) e *-sistere* (insistir em ser). Ser-aí (*dasein*) *insiste em ser para fora* enquanto permanece sendo sempre a abertura e o lugar (aí) mesmo em que os entes aparecem com sentido.

[14] As características que constituem o ser-aí (*dasein*) são sempre e somente modos seus possíveis de ser.

[15] Noções como "há uma essência prévia que dá e sustenta a existência do ser humano" ou "a existência do homem precede e é o que dá a sua essência", revelam o dualismo "essência x existência" negado e superado por Heidegger.

oculto. Assim, a “variante” refere-se à compreensão do sentido de ser, o caminho para acessá-lo é pela analítica do ser-aí, a mata fechada é a tradição metafísica, ele mesmo e o próprio velamento do ser, os golpes que efetivam a abertura são a análise do cotidiano da existência-ser-aí (*dasein*, que é existência) e o destino outrora inacessível é o ser mesmo. Variante é justamente esse caminho que toda a tradição metafísica não percorreu: é variado, é outro, é diferente de tudo o que antes foi explicitamente proposto, pois ela percorreu a via do ente para compreender o ser, quando, na verdade, o caminho é pelo sentido de ser.

Ser-aí (*dasein*), por sua vez, é quem esquadrinha e abre esse caminho quando reconhece o esquecimento do ser e retoma a questão através de seu sentido. Todavia, ele não poderia e não conseguiria fazê-lo sem um *método* que o conduza e sem as devidas ferramentas para atravessar a tradição, a sua própria tendência ao encobrimento e o velamento do ser mesmo e perfazer, por fim, a abertura do caminho que arvore na clareira do ser.

4 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E A CIRCULARIDADE ONTOLÓGICA

> "Com a questão diretriz sobre o sentido de ser, a investigação acha-se dentro da questão fundamental da filosofia em geral. O modo de tratar essa questão é *fenomenológico*" (HEIDEGGER, 2015, p. 66).

A fenomenologia, inspirada em, mas diversa da, fenomenologia de Husserl[16], é o método proposto por Heidegger para investigar o sentido de ser a partir da analítica existencial. Ela diz respeito ao *modo* com que ser-aí (*dasein*) executa a análise da existencialidade de sua existência[17], buscando mostrar o que se oculta, para conduzi-lo ao ser dos entes, ao sentido de ser em geral. O ser, como introdutoriamente expõe Heidegger em Ser e Tempo, deve ser investigado pelo seu sentido e, diante da diferença ontológica e da relação de sentido entre ser e ente, revela-se a exigência *inicial* de uma análise de ser-aí em sua existência cotidiana para enfim depois dele se distanciar e alcançar o ser mesmo. Para tanto, é necessário um *modo*, um *como*, um *método* que conduza ser-aí (*dasein*) na análise da facticidade de sua vida: a fenomenologia. Assim, fenomenologia, conforme Heidegger (2015, p. 66) o define, exprime um *conceito de método*. Não assinala o quê (quididade) das coisas da investigação ontológica, mas o seu modo, o *como* das coisas. Em suma:

> O ser deve ser compreendido e tematizado. O ser é, em cada caso, o ser de um ente e, por conseguinte, somente é acessível, de início, partindo de um ente. Por esta razão, o olhar fenomenológico deve dirigir-se a um ente, mas de tal modo que o ser deste ente possa ser posto a descoberto e chegar a uma possível tematização. A compreensão de ser, isto é, a investigação ontológica dirige-se primeiro e necessariamente ao ente, porém, de algum modo, depois distancia-se deste ente e dirige-se ao ser deste ente. (Heidegger, 2000, p. 46-47).

Ademais, o termo Fenomenologia possui dois componentes, de origem grega: fenômeno e logos. Fenômeno é o oposto de encobrimento, logo, representa tudo aquilo que está na claridade, que se põe à luz do sol, que se revela. O fenômeno é um mostrar-se a si

---

[16] Husserl é o autor de textos inaugurais da fenomenologia e foi professor de Heidegger, sendo inclusive a ele que Heidegger dedica a sua obra Ser e Tempo. A fenomenologia husserliana move-se pelo propósito de conduzir o pensamento filosófico às coisas mesmas, estabelecendo a filosofia como alicerce sólido e universal de todo o conhecimento. A *redução transcendental* é o modo como essa fenomenologia se realiza, a qual se trata de uma neutralização e suspensão da atitude natural cotidiana da vida fática a fim de ultrapassar a facticidade e a contingência da realidade para alcançar a dimensão puramente inteligível dessa realidade e, por fim, as evidências apodíticas das essências. Diferente de Husserl que postulou a investigação filosófica e a busca pela verdade através da suspensão da vida fática, Heidegger executou-as justamente pela imersão nela: em Ser e Tempo, a vida cotidiana é considerada "o único terreno verdadeiramente fértil à interrogação fenomenológica sobre o sentido de ser." (ABDALA, 2017, p. 10).

[17] As estruturas que caracterizam existir.

mesmo de alguma coisa a todos e não uma simples manifestação do que se anuncia e não aparece[18]. Já logos, considerado em seu sentido primário, exprime um "dizer" que, aquilo sobre o que se fala, se torna acessível a todos num "deixar e fazer ver". Disso, então, pode-se perceber a ligação entre ambos os termos e formular que a fenomenologia, em seu sentido formal, é um "deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo." (HEIDEGGER, 2015, p. 74). Isso exprime a máxima: "às coisas elas mesmas!", em que Heidegger sumariza a definição de fenomenologia. Com isso posto, é necessário que se tome o "fenômeno" que por excelência deve ser tema de uma demonstração explícita: o ser dos entes, o qual

> *não* se mostra numa primeira aproximação e na maioria das vezes, mantendo-se *velado* frente ao que se mostra numa primeira aproximação e na maioria das vezes, mas que, ao mesmo tempo, pertence essencialmente ao que se mostra numa primeira aproximação e na maioria das vezes a ponto de constituir o seu sentido e fundamento. (HEIDEGGER, 2015, p. 75).

O ser dos entes, embora não se mostre numa primeira aproximação e na maioria das vezes, permanecendo velado, constitui o sentido e fundamento de tudo o que se mostra, isto é, de todos os fenômenos e, por isso, é ele o "fenômeno" privilegiado que a fenomenologia deve "deixar e fazer ver" a fim de mostrá-lo em seu desvelamento, através da analítica existencial. À vista disso, a fenomenologia é tomada como método ontológico, destinada a investigar não o ente em si, mas o ser dos entes em sua ambiguidade de velamento e desvelamento para trazê-lo à condição de revelado em si ao ser-aí (*dasein*), o qual é a via de acesso fenomenológica ao ser por ter com ele uma relação de sentido e compreensibilidade. E não só a via, mas o ser-aí é também o ponto de partida e o ponto de chegada para uma explícita compreensão do sentido de ser. Desse modo, pode-se exprimir que a compreensão constitui o existencial básico para a articulação do método, pois há um movimento constante de compreensão e interpretação entre ser e ser-aí (*dasein*).

Desde aqui, então, se descobre a circularidade ontológica constitutiva na proposta heideggeriana de investigação do ser dos entes: uma compreensão de ser supõe uma analítica de ser-aí (*dasein*) e a análise do ser-aí pressupõe uma compreensão do ser[19]: parte-se do ser-aí para desvelar o ser, porém, no próprio ser-aí já é pressuposto o ser que se busca revelar.

---

[18] "Manifestar-se é um *anunciar-se* mediante algo que se mostra." (HEIDEGGER, 2015, p. 68). Embora o fenômeno não seja uma manifestação, toda manifestação a ele se remete.

[19] Cf. introdução de Ernildo Stein (p. 85-94) à conferência de Heidegger: Sobre a Essência do Fundamento (HEIDEGGER, 1983).

A saber, o ser e o ente se dão a partir de uma relação de sentido: não se pode conceber o ente fora da compreensão do ser do mesmo modo que o ser só se torna possível, quer dizer, compreendido (compreensível) pelo ente. Um e outro possuem uma relação intrínseca ao que ser é e ao que é ser-aí (*dasein*), ambos permanecendo dentro de um horizonte de compreensão e sentido, na qual podem se mostrar como "fenômenos" apreensíveis desde que sejam devidamente investigadas em seus próprios modos de ser. Ao mais, não se tem em vista aqui uma circularidade viciosa, mas sim existenciária e estrutural da possibilidade de apreensão do mostrar-se de ser ao ser-aí e de ser-aí ao ser.

Não obstante, ser de ser-aí (*dasein*) se dá e se mostra, ao mesmo tempo que se vela e oculta e igualmente o ser mesmo se dá e se mostra, ao mesmo tempo que se vela e oculta. Por isso é imprescindível, não sair da circularidade, mas muito pelo contrário, saber o *modo* correto de penetrar no círculo de compreensão que constitui a investigação da questão fundamental sobre sentido de ser em geral para poder desvelar e desocultar o ser dos entes: "Com a questão diretriz sobre o sentido de ser, a investigação acha-se dentro da questão fundamental da filosofia em geral. O modo de tratar essa questão é *fenomenológico*" (HEIDEGGER, 2015, p. 66). Isto é, deve-se entrar no círculo ontológico a partir de uma aproximação com o que desde sempre se mostra e fundamenta tudo ao mais que se mostra (ser), ao mesmo tempo que a partir de uma proximidade com a *práxis* humana, como existência e facticidade (ser-aí/*dasein*). A fenomenologia, por fim, busca, enquanto método, tornar visível ao ser-aí o "dar-se" de ser.

5 FUNDAMENTO, TRANSCENDÊNCIA E MUNDO

> "[...] o ser-aí [*dasein*] não é um ser-no-mundo pelo fato de, e apenas pelo fato de, existir faticamente; mas, pelo contrário, somente *pode ser* como existente, isto é como ser-aí, *porque* sua constituição essencial reside no ser-no-mundo."
> (HEIDEGGER, 1983, p. 106).

Ser-aí (*dasein*) vive cotidianamente numa vaga e mediana compreensão de ser. Ele, desde sempre, move-se nela, vive nela, existe com e atravessado por ela e não é possível que seja fora dela. Trata-se, isto sim, da própria constituição essencial de ser-aí (*dasein*). Verdade é que o ser tende a se encobrir diante da facticidade e mesmo que, por vezes, pareça o mais óbvio e conhecido, é o mais essencialmente desconhecido, distante e esquecido e, por isso, é necessário que ser seja desvelado em sua própria verdade e horizonte para ser essencialmente compreendido. Isso é possível porque, embora se vele, ao mesmo tempo ele se mostra: o ser se dá. Dá-se a compreender, dá-se a ver, dá-se a desvelar, dá-se ser. Daí dizer-se: a princípio, ser não é, dá-se. Ou seja, conceber e buscar compreender ser através de "ser é..." é interpretá-lo como um substantivo, como um ente, como gênero máximo de todos os entes, tal qual fez a tradição metafísica. É mover-se numa antecipada compreensão de ser, no "é", como uma compreensão dada e universal e que o que deve ser determinado é onde ser se "mostra", é dizer "quem" é Ser (Ideia do Bem, Deus, Razão, Vontade de Poder). Isto é, é substantivá-lo e predicá-lo, é dizer qual o ente é a entidade de todos os entes (fundamento), qual ente é o ser. Todavia, ser não *é* enquanto substantivo, sujeito, ente. Ser não *é* enquanto ser simplesmente dado. Ser se dá: o "é" de ser se mostra no seu sendo, no seu acontecimento constante e diário. O dá-se de ser é sua temporalização cotidiana, des-substantivação e verbalização e esse *dá-se* acontece compreensivamente, embora não tematizado, na vida fática do homem – em sua transcendência "mundana" (ultrapassagem enquanto ser-no-mundo).

Ademais, o ser, em seu "dar-se", fundamenta e dá sentido a todos os entes e só pode ser compreendido e desvelado a partir da busca pelo seu sentido. Assim, deve-se apreender a *essência do fundamento*[20] (ser) ao invés de concebê-lo como se fosse pré-determinado pelo tempo, pelo destino ou por Deus e que ao pensamento só lhe cabe presentificá-lo, nomeá-lo. A compreensão que conduz à essência do fundamento é um exercício permanente, é aquilo

[20] "Fundamento é aquilo que de mais originário se dá na revelabilidade do ser, portanto, algo anterior. Esta anterioridade é algo que está sempre disponível, possibilitando ao ser revelar-se ao e através do ente. Entre os dois estágios de revelação do ser, o momento do ente e o momento do ser, ou verdade e fundamento, habita o que Heidegger chama de diferença ontológica." (SILVA, 2017, p. 376).

que se mostra no cotidiano, na temporalidade, ao ser-aí (*dasein*) enquanto existente. E essa compreensão se dá através do movimento de *ultrapassagem*, o qual designa o caráter de *transcendência* do homem em relação ao *mundo*. Desde então, "a questão da essência do fundamento transforma-se no *problema da transcendência*" (HEIDEGGER, 1983, p. 103). Com isso, sempre partindo da existência de ser-aí (existência-ser-aí)[21], é preciso designar a transcendência como parte do caminho que conduz à compreensão do ser: a transcendência é ultrapassagem e, em sentido heideggeriano, refere-se ao que é próprio ao ser-aí (*dasein*); não é um comportamento em que se opta ou não por realizá-lo, mas sim a constituição fundamental do ser-aí. Em sendo, transcende-se: "com o fato do ser-aí a ultrapassagem já sempre está aí" (*Ibid.*, p. 105).

A ultrapassagem, dada no movimento da transcendência, é aquilo que possibilita a existência em geral. Existir significa ultrapassar. Portanto, ela é própria de ser-aí (*dasein*), e constitui o movimento uno e constante de revelação do ser dos entes, do ser de ser-aí e dos entes dados, enquanto imersos num contexto de compreensibilidade. Essa constituição formal de ser-aí que é a transcendência se dá no próprio ser-aí e em vista do ser-aí mesmo, tendo como horizonte (direção) o mundo. A saber, ser-aí (*dasein*) transcende e vai ao encontro dele com ele mesmo (*ipseidade*), ao mesmo tempo que também vai ao encontro do ente que não é ele próprio (alteridade), quer seja um *outro* ser-aí, quer seja um *outro* como ente subsistente (ente simplesmente dado). Esse encontro gera significação e deixa ver o sentido, tendo como horizonte (referência e lugar de acontecimento) o mundo, pois pertence à essência de ser-aí "ser em um mundo". Dessa forma, a ultrapassagem se dá no mundo, espaço onde o ente releva o ser e ser revela o ente e, por isso, nada há fora da imanência: não há um "além-mundo" para onde o homem transcenda e encontre o Bem, Deus ou o conhecimento *a priori*, como o disseram, de modo geral, os antigos, os medievais e os modernos. Ser-aí (*dasein*) compreende seu próprio ser e o ser dos entes a partir do mundo (de seu mundo): "o mundo existe para o ser e vice-versa, transcendência e imanência reduzem-se à existência, ao mundo, ao transcendental."[22] (SILVA, 2017, p. 379).

---

[21] Pois, como já posto, ser-aí (*dasein*) *é* existência; é e só pode ser enquanto existente, e a compreensão do ser dos entes (fundamento) e de seu próprio ser se dá pela análise de ser-aí, ou seja, pela analítica existencial.

[22] "Transcendental, com o sentido crítico que Kant lhe atribui, tem a ver com a condição de possibilidade de existência das coisas. Todo o conhecimento do ser, portanto, o universal, torna-se o transcendental para a Kant. Certamente esta interpretação aponta para tudo que Heidegger inaugura, mas ainda restringe-se aos modos sensitivos da realidade. O termo, em Heidegger, é totalmente ambicioso. Transcendental é o ser-no-mundo, no mesmo grau em que o ser-no-mundo é a transcendência." (SILVA, 2017, p. 379)

À visto disso, mundo, para Heidegger, é o próprio âmbito da ultrapassagem, é a totalidade das possibilidades de vir a ser dos entes, não "é" ente, não é um lugar espacial, uma região do espaço em que as coisas meramente presentes aparecem por si, nem a totalidade de tudo que há ou os homens, enquanto simples reunião final de todos os entes possíveis para o conhecimento. Mundo é contexto, é acontecimento de sentido, é

> aquilo a partir do qual o ser-aí *se dá a entender* a que ente *pode* dirigir-se seu comportamento e como se pode comportar com relação a ele. O ser-aí "*se*" dá a entender a partir de "*seu*" mundo, quer então dizer: neste vir-ao-encontro-de si a partir do mundo o ser-aí se temporaliza (*zeittigt*) como um *mesmo*, isto é, como um ente que foi entregue a si mesmo *para ser*. (HEIDEGGER, 1983, p. 115)

O ser-aí (*dasein*) é o que concebe mundo: é formador de mundo, ele é âmbito para toda e qualquer relação, é horizonte de sentido e compreensão de si e, simultaneamente, dos outros entes. É nesse mundo, que ele mesmo forma, que o ser-aí se desvela (dá-se a entender) pela transcendência, percebendo-se como um *mesmo* entregue a si para ser, e desde onde o ser se mostra em/com seu sentido próprio. Assim, ser-aí (*dasein*), ser existência, ser transcendência é ser-no-mundo.

O ser-aí (*dasein*) é no mundo, é ser-no-mundo e fora dele não tem como ser e existir, porque ser-no-mundo é outra constituição fundamental sua: "[...] o ser-aí não é um ser-no-mundo pelo fato de, e apenas pelo fato de, existir faticamente; mas, pelo contrário, somente pode ser como existente, isto é como ser-aí, porque sua constituição essencial reside no ser-no-mundo." (HEIDEGGER, 1983, p. 106). O ser-aí (*dasein*) é no mundo e enquanto existe não pode deixar de ser e enquanto *é* não pode deixar de existir e ser no mundo. Ser-aí, mundo, ser-no-mundo e ser são indissociáveis: ao se deixar o ser, ausenta-se o mundo, bem como sem mundo não há espaço para o ser se dá. É nele, portanto, no ser-aí (no mundo) enquanto existência, que é possível conceber e compreender a essência do fundamento.

Por fim, o que possibilita, fundamentalmente, o ser-aí (*dasein*) compreender o sentido de ser e encontrar-se e aos outros pela transcendência a partir do mundo é a sua vontade que o projeta em direção às possibilidades compreensivas de ser-com, ser em meio aos entes e ao ser. A esse projetar, Heidegger denominou *liberdade*. Assim, a essência do fundamento é a liberdade para-ser e deixar-ver o próprio ser e a todo ente como tal. A liberdade permite ao ser-aí (*dasein*) se situar e se compreender como *ser-aí*, como existência, como ser-no-mundo, como transcendência, como um construtor de seu sentido. Na essência da existência de ser-aí já está implícita a (sua) liberdade: o ser-aí é livre para-ser e para-deixar-ver, para fundamentar e fundamentar-se. E ele é livre não como liberdade para

escolher, mas como essência. Ser-aí (*dasein*) é liberdade. É transcendência. É ser-no-mundo. É existência. É quem compreende o ser e o seu sentido.

6 CONCLUSÃO

> Por vivermos sempre numa compreensão de ser e o sentido de ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridade, demonstra-se a necessidade de princípio de se retomar a questão sobre o sentido de ‘ser’.” (HEIDEGGER, 2015, p. 39).

O esquecimento do ser está enraizado na cotidianidade de ser-aí (*dasein*). Velado e encoberto como o ser já naturalmente tende a ser, sem deixar de sustentar e fundar os entes, a cada dia que passa ele parece mais distante e desconhecido do que jamais ele mesmo se faria. Ser não está "apenas" caindo no esquecimento. Ele está jogado. Ser não está “apenas” sendo deslocado. Ele foi trocado. Fazem-no como uma coisa e coisa obsoleta, inútil, velha, óbvia e que não aguça mais os pensamentos. Nós fazemos. E nos perdemos em nossos milhares de afazeres, trabalhos, ansiedades, preocupações. Não podemos parar, não podemos perder tempo, não podemos deixar de querer o dinheiro, não podemos deixar de correr atrás de nossa mesquinhez e pensar, com orgulho e hipocrisia, que é pelo bem do próximo. Na verdade, nós mesmos também estamos nos fazendo coisa e coisa obsoleta. Parece haver uma busca incessante pelo novo, pelo moderno, pelo tecnológico e um olhar de tristeza e reclamação recai para o corpo humano decadente que possuímos. Super-homens, super-mulheres, deuses: é isso o que queremos ser. E estamos sempre correndo atrás do impossível: não somos fora do tempo e dentro dele, nasce-se, vive-se, morre-se: existimos. Existir não parece mais ser “suficiente”. Buscamos, então, o que não somos (conhecer e dominar tudo, não morrer, ter a certeza sempre...) e o que somos é abandonado, considerado velho ou, quem sabe, complicado demais (?). O que resta? *Uma* coisa, mas que se diz de *dois* jeitos: a técnica e o vazio.

> O abuso de toda matéria, inclusive da matéria-prima "homem", para beneficiar a produção técnica da possibilidade incondicionada de tudo fabricar determina-se, veladamente, pelo completo vazio em que o ente, a matéria do real, se acha inserido [...] A técnica é, nesse sentido, a organização da falta porque, contra o seu saber, refere-se ao vazio do ser. (HEIDEGGER, 2012, p. 83)

Por causa do abandono do ser e, consequentemente, de nós mesmos, o homem se encontra em um vazio. Esse vazio ao se deixar o ser é cada vez mais profundo e sentido (ou não sentido?) e está engolindo o ser humano em um estado de miséria que só não o é se se considera-o uma coisa. Ele foge do ser, foge de si e foge até do vazio, atrás do domínio da coisa, do fabricar, experimentar, catalogar, nomear, recensear. A técnica. O homem atual, através da ciência e da técnica, organiza a falta. Atribui dados à ausência. Conceitua o vazio.

No vazio, *na* falta, *na* ausência. E ele tem jeito pra isso: fugir, enumerar, fabricar, montar. Tecnicizar. Mesmo o ser entra nessa tentativa humana de "tudo fabricar", tudo dominar. Até quando? Até quando isso não o sucumbirá? Será que poderia haver um outro começo em que o ser ocuparia o seu lugar devido?

Heidegger não é nenhum super-homem que, por suposta superioridade intelectual, saberia responder a isso: tudo o que ele fez foi deixar-se ser quem é, deixando que seus pensamentos (claro que por meio de um método) o conduzissem ao ser em seu próprio mostrar-se. Por isso, ele diz que que um "novo começo" se dará quando pararmos, e deixarmos nossos pensamentos enxergarem o desvelamento de ser, dado dentro de um contexto de sentido que ser e ser-aí se dão mutuamente. É preciso "apenas" *ser* para que sejamos preenchidos em nossos vazios e não *ter* ou *fazer*. Ser, ser-aí, ser transcendência, ser-no-mundo. Pois *sendo*, a compreensão de ser já se nos dá: ser e compreender fazem parte da estrutura fundamental de que somos (ser-aí/*dasein*) e não deixa se ser por nos escusarmos de pensar o em si de ser, o 'é' de ser.

Por outro lado, voltando-se ao ser, é necessário investigá-lo através do seu sentido, e não através de sua determinação com a busca de qual é o ente geral e supremo: "só se pode questionar concretamente o que significa dizer o ser "é" e de onde ele deve se distinguir de todos os entes, caso se esclareça o sentido de ser e a envergadura da compreensão de ser." (HEIDEGGER, 2015, p. 301). O ser se dá à nossa compreensão e só podemos compreendê-lo justamente porque ele se mostra e ele só é compreensível porque somos capazes de compreendê-lo. O que somos já é fundamentalmente assim, nada pode desfazer, mas, com certeza, quando o ser é esquecido, o vazio nos ocupa (que aparente contradição!) e a compreensão se embota, mas, nunca, nunca, enquanto existimos, a nossa relação de compreensibilidade com o ser deixa de fazer parte de quem somos.

Por isso Heidegger (2015, p. 40) empreende uma investigação pela compreensão do ser mediante o imperativo: "deve-se *colocar* a questão do sentido de ser". E foi a isso que se dedicou este trabalho, no qual a questão de ser foi colocada devidamente por meio da interrogação: "qual o sentido de ser?" e a partir dela todo um desenvolvimento de como respondê-la apropriadamente. A questão do sentido de ser deve ser considerada, primeiramente, diante da diferença ontológica entre ser e ente: ser é sempre ser dos entes, seguida de uma análise do ente que se diferencia dos demais entes (ser-aí/*dasein*) porque, essencialmente, enquanto existente, está lançado na compreensão do ser: a analítica existencial. A analítica existencial busca conceber o ser-aí a partir de sua existencialidade

cotidiana, já que é nela que o ser se mostra e ela deve ser empreendida a partir de um método fenomenológico que busca apreender o que se mostra, como se mostra, a partir de si mesmo.

A análise revela que ser-aí (*dasein*) se dá no mundo e fora dele não pode ser/existir: ser-aí é ser-no-mundo, mas, na medida em que ele está no mundo, é no mundo, confere mundo (sentido) e não se confunde com os demais entes, ele é transcendência. Ele ultrapassa compreensivamente a todos os entes em direção ao seu ser, sem sair da imanência, pois a transcendência se dá no mundo, enquanto ser-aí é ser-no-mundo. A questão da essência do fundamento (ser), portanto, volta-se para a questão da transcendência. Ser-no-mundo e transcendência são o ser-aí, constituindo-o essencialmente junto com seu existir: são indissociáveis. E é a liberdade que permite o ser-aí (*dasein*) ver-se e ser quem é.

Diante de tudo disso, sumariamente pode-se dizer que a questão do sentido de ser para alcançar o ser mesmo, mostra-se também como uma investigação de nós mesmos: nós mesmos fazemos parte do que fundamenta o próprio ser e ser, não só faz parte, como é o que nos fundamenta.

REFERÊNCIAS

ABDALA, A. A Crítica Heideggeriana à Metafísica. **Eleuthería - Revista do Curso de Filosofia da UFMS**, v. 2, n. 2, p. 08-23, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/4022. Acesso em: 10 out. 2022.

CORDEIRO, R. C. Heidegger E A Técnica Moderna Como Perigo E Como Salvação. **Aufklärung: revista de filosofia**, [*S. l.*], v. 1, n. 1, p. 100–112, 2014. DOI: 10.18012/arf.2016.18859. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/18859. Acesso em: 05 out. 2022.

FOGEL, G. Escuta, silêncio, linguagem. **Aufklärung: Revista de Filosofia**, [*S. l.*], v. 4, n. esp., p. 47–58, 2017. DOI: 10.18012/arf.2016.35900. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/35900. Acesso em: 10 out. 2022.

GEVEHR, T. M. Notas sobre a noção de transcendência em Heidegger: um modo de pensar a questão pelo sentido de ser. **Revista DIAPHONÍA**, [*S. l.*], v. 1, n. 2, p.179-200, 2015. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/13468. Acesso em: 20 out. 2022.

HEIDEGGER, Martin. A superação da metafísica. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: E. Universitária São Francisco, 2012, p. 61-86. (Col. Pensamento Humano).

HEIDEGGER, Martin. A tese de Kant sobre o ser. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introduções e notas de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 231-254. (Col. Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. **Los problemas fundamentales de la fenomenología**. Madri: Editorial Trotta, 2000.

HEIDEGGER, Martin. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introduções e notas de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 65-81. (Col. Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. Que é metafísica? In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introduções e notas de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 25-63. (Col. Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante e posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: E. Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. Sobre a Essência do Fundamento. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introduções e notas de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 83-125. (Col. Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. Sobre o “Humanismo”. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introduções e notas de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 147-175. (Col. Os Pensadores).

MORAES, F. de. Heidegger leitor de Aristóteles: a questão do ser. **Aufklärung: revista de filosofia**, [*S. l.*], v. 4, n. esp., p. 37–46, 2017. DOI: 10.18012/arf.2016.35899. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/35899. Acesso em: 20 set. 2022.

NASCIMENTO, M. A. do. Leitura de Heidegger - sobre o fundamento. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 9, n. 11-12, p. 109-125, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/613. Acesso em: 26 out. 2022.

OLIVEIRA DA SILVA, Jaderson. **Heidegger e Kant**: O Projeto Ontológico de Ser e Tempo e a Interpretação Fenomenológica da Crítica da Razão Pura. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2013.

SILVA, B. L. da. Estudos sobre a questão do fundamento em Heidegger. **Pensando – Revista de Filosofia**, [*S. l.*], vol. 8, n. 16, p. 370-382, 2017. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/6637. Acesso em: 11 nov. 2022.

STEIN, Ernildo. Introdução ao método Fenomenológico Heideggeriano. In: HEIDEGGER, Martin. Sobre a Essência do Fundamento. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introduções e notas de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 85-94. (Col. Os Pensadores).